

REVISTA
GEOGRÁFICA
UNIVERSAL



Estação
Ecológica
do Taim

A Estação Ecológica do Taim integra o Programa de Estações Ecológicas da Secretaria Especial do Meio Ambiente. Esse Programa tem como objetivo implantar no País uma rede de áreas preservadas, colocadas à disposição das Instituições de Ensino Superior, dos Centros de Pesquisa e da Comunidade Científica, para o desenvolvimento de estudos e pesquisas ecológicas, visando orientar o aproveitamento racional dos recursos naturais.

Os recursos naturais constituem-se em patrimônio comum da nação, sendo sua utilização racional um dos fatores primordiais para o desenvolvimento integral do País.

O conhecimento das riquezas naturais do País é elemento fundamental na determinação de diretrizes de planejamento, considerando que essas diretrizes devem ser estabelecidas com base nas características específicas de cada ecossistema e nas possibilidades de aproveitamento dos recursos ali existentes.

O Programa de Estações Ecológicas é, portanto, um dos instrumentos a serem utilizados pelo Ministério do Interior para promover a compatibilização do desenvolvimento com a preservação da qualidade ambiental, uma das preocupações do Governo Federal.

Secretaria Especial do Meio Ambiente — SEMA

Estação Ecológica do Taim

Refúgio da Natureza

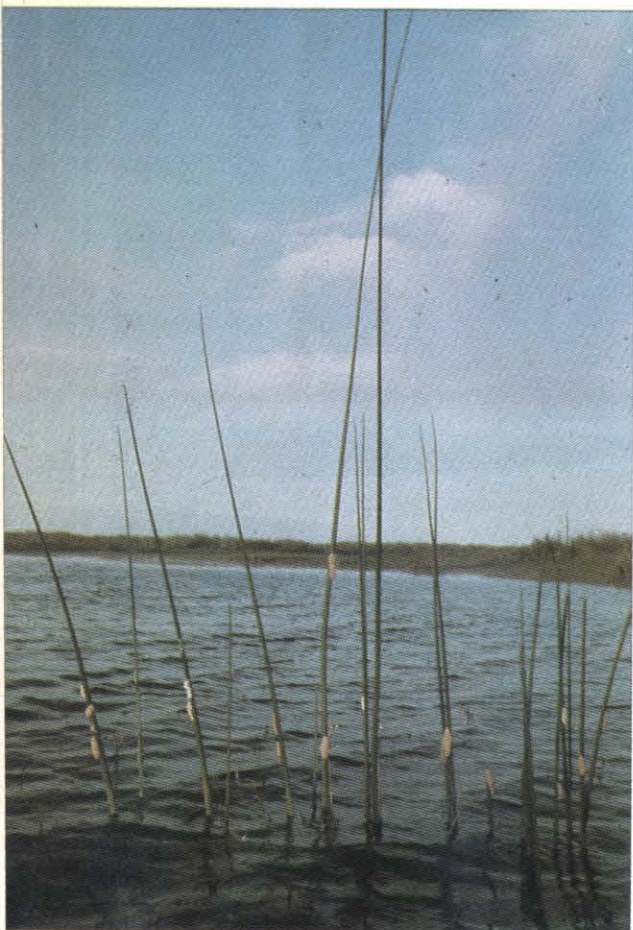
Texto e fotografias de LUIZ CLAUDIO MARIGO



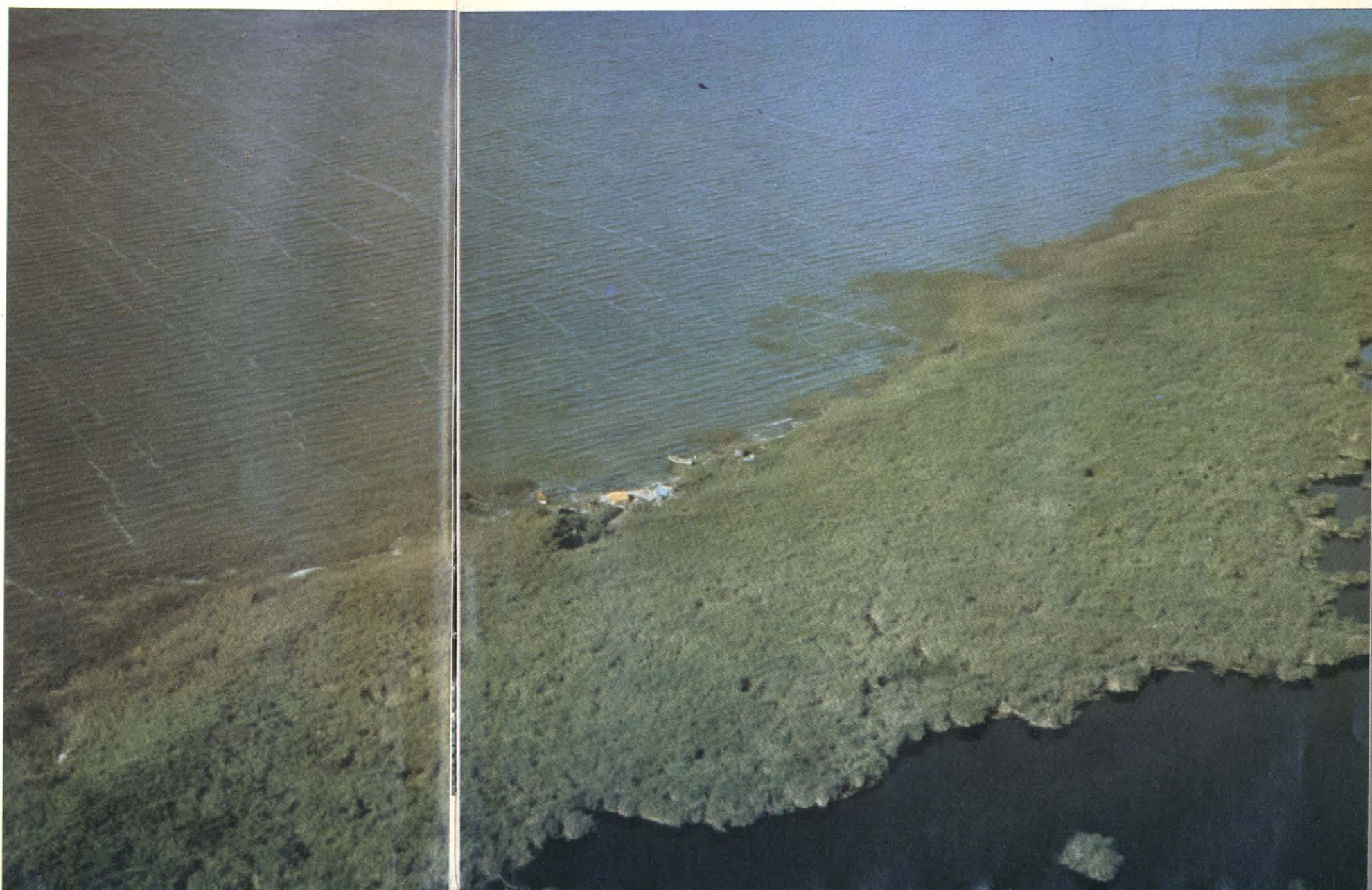
É estranha a sensação de pisar num solo que, por ser protegido dos ataques do homem e da febre de desenvolvimento, deverá permanecer inalterado. Foi essa a idéia que me ocorreu ao chegar ao Banhado do Taim — no extremo meridional do Rio Grande do Sul —, onde a Secretaria Especial do Meio Ambiente — SEMA, órgão do Ministério do Interior, instalou a primeira estação ecológica da Região Sul do país, uma garantia de sobrevivência para as aves e os mamíferos que lá têm seu habitat. Com uma superfície de 32 mil hectares, a estação conta com cerca de dez quilômetros de praias oceânicas, além de áreas lacustres, banhados e bosques onde habitam muitas espécies de aves. O Taim é freqüentado por uma infinidade de animais aquáticos, principalmente marrecos, pernaltas e cisnes que aí chegam vindos da Patagônia, fugindo do frio muito rigoroso naquela região. Além destas aves, mamíferos roedores, como a capivara (*Hydrochoerus hydrochoeris*) e o ratão-do-banhado (*Myocastor coypus*), encontram proteção real contra a caça predatória que ameaçava sua sobrevivência. Dessa maneira, o Rio Grande do Sul, que tem atualmente menos de dois por cento de seu território coberto por florestas, encontrará na Estação Ecológica do Taim a possibilidade de conservar uma parte de seu patrimônio natural.

Um bando de cisnes-de-pescoço-preto (*Cygnus melanochoryphus*) levantou vôo, e ao barulho abafado de suas asas seguiu-se um som agudo e doce. As aves distanciaram-se, em direção ao banhado, executaram uma ampla curva e pousaram de novo em um ponto mais afastado da lagoa Mangueira. O guarda da estação que me acompanhava ligou o motor do barco e avançou contra as marolas que o vento minuano formava na superfície da lagoa. O vento frio e os respingos que a proa da embarcação jogava sobre a lente da câmara fotográfica alertaram-me para nossa condição de intrusos. A distância que nos separava dos cisnes foi diminuindo pouco a pouco, e tivemos que escolher um deles quando tomaram direções diferentes na fuga. A ave seguia um

rumo paralelo à margem da lagoa e parecia evitar o juncal que anuncia o começo do banhado. Mas aos poucos o cisne, cansado, procurou como proteção as margens da lagoa, deslizando entre os juncos com incrível habilidade. O barco atravessava a vegetação, cortando o talo dos juncos, atropelando o tapete de aguapés e deixando o rastro da presença do homem. A ave, favorecida pelas plantas, distanciava-se enquanto o barco avançava com grande dificuldade até ficar com a hélice presa nos destroços da vegetação. O guia, no entanto, liberou tudo rapidamente e continuamos a perseguição até conseguirmos fotografar o cisne. Quando pensamos em voltar para a lagoa foi que percebi quanto estávamos perdidos dentro daquela densa parede vegetal for-



O cisne-de-pescoço-preto — página seguinte, ao alto — torna-se cada vez mais raro no Banhado do Taim. Além de ser uma ave frágil, ele é bastante visado pelos caçadores. À margem da lagoa Mangueira, os acampamentos dos pescadores indicam os melhores lugares para a pesca.



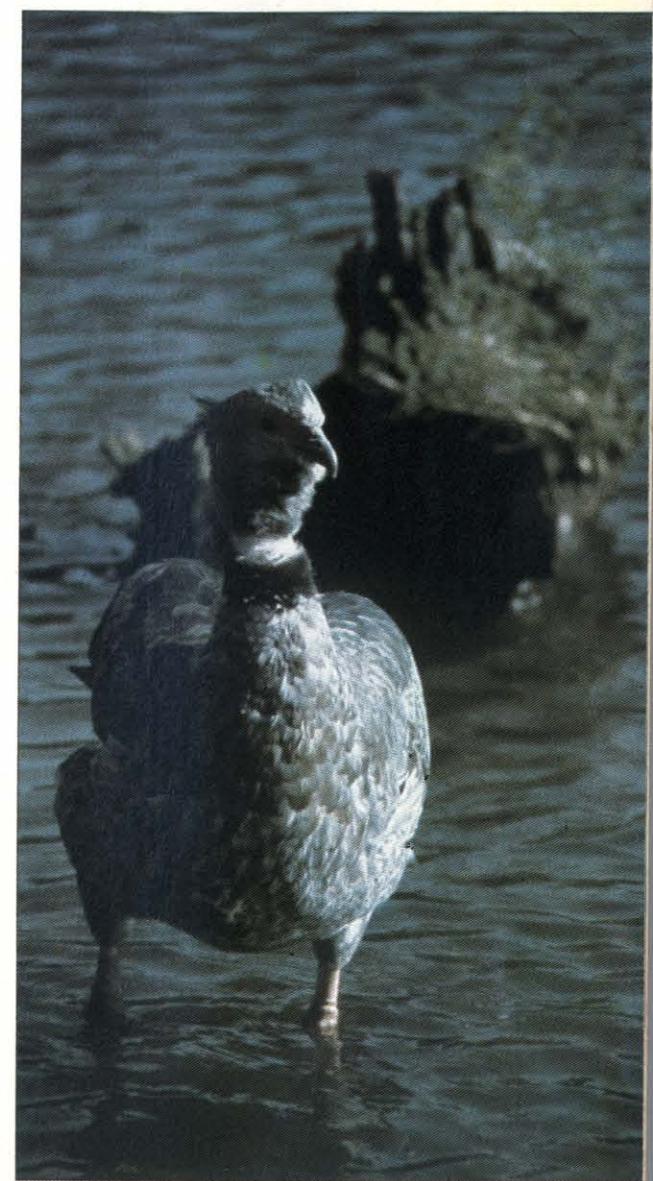
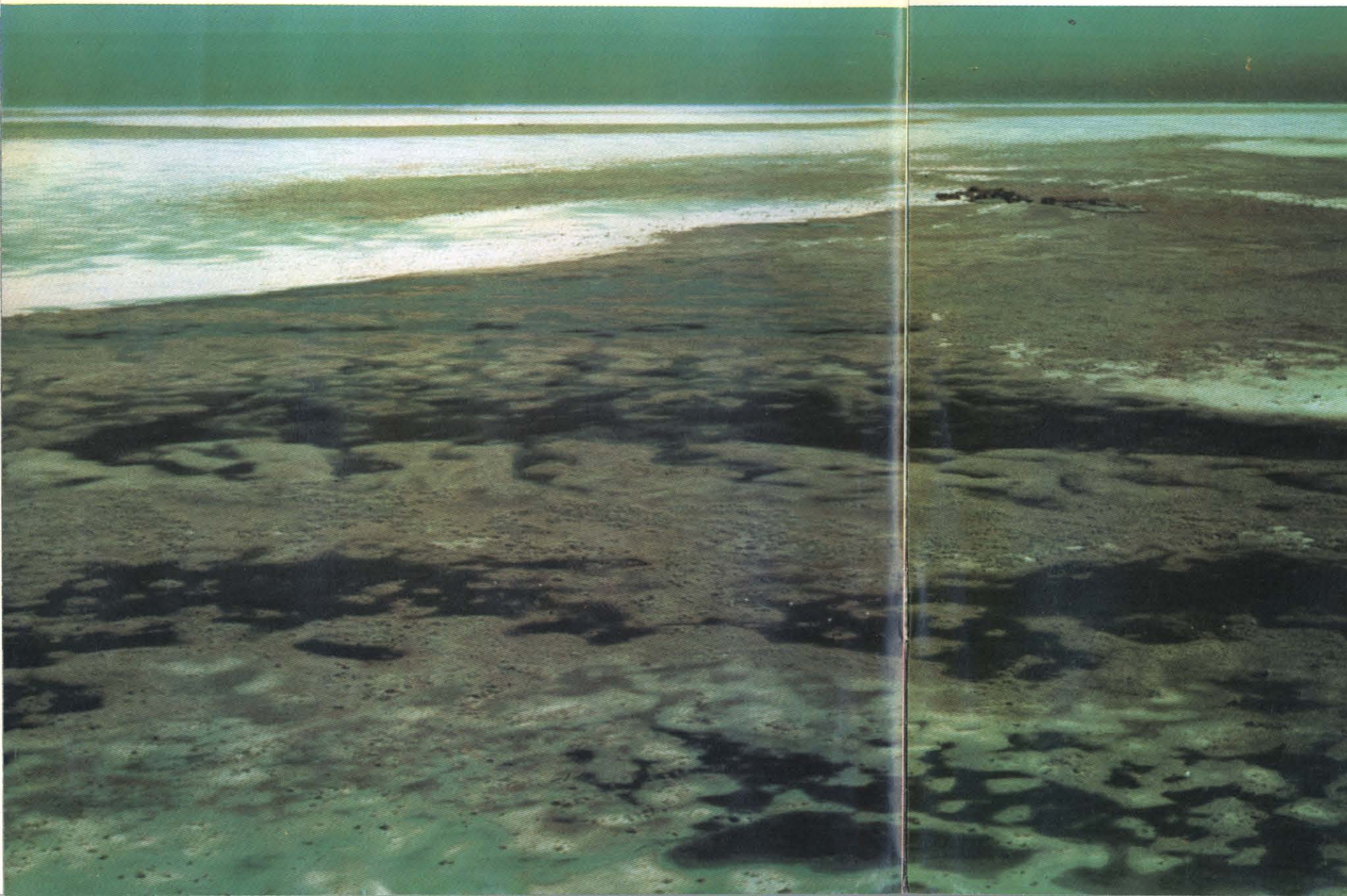


O ratão-do-banhado tem o apelido de *castor da América do Sul*. Ele prefere as águas quietas dos rios e banhados onde proliferem as plantas aquáticas, um refúgio certo contra a perseguição do homem. O tachã — página seguinte — também escolhe os lugares de difícil acesso nos pantanais para construir seu ninho. A foto em infravermelho (embaixo) mostra o banhado, as dunas e o mar: o verde-escuro representa as águas do banhado, e o verde-claro, a areia.

mada pelo junco. Somente a longa vivência na região poderia explicar a habilidade do guia para evitar os perigos e orientar-se. Pois é nesta região inóspita e de difícil penetração que a Secretaria Especial do Meio Ambiente — SEMA instalou a estação ecológica que faz parte de um amplo programa com vistas a preservar áreas típicas de regiões naturais brasileiras, proporcionando campos de estudo e pesquisas sobre ecologia e recursos naturais. Essas áreas naturais preservadas contarão com instalações simples e funcionais para administração e guarda, além de casas de hóspedes e laboratórios, nos quais os pesquisadores encontrarão condições básicas de trabalho, devendo complementá-las com seus próprios

equipamentos especializados. Assim, é oferecida às universidades uma infra-estrutura para estudos ecológicos, administrada pelo Ministério do Interior, mas por elas operada quanto aos aspectos técnico-científicos, através de diretrizes emanadas da SEMA.

A urgência com que a Secretaria Especial do Meio Ambiente — SEMA pretende concretizar seus planos é justificada pelo seu titular, Dr. Paulo Nogueira Neto: “Em vários locais, a demora de um ou dois anos no estabelecimento dessas estações pode significar um prejuízo irreparável. Depois de alterada a cobertura vegetal e modificada a composição da fauna, jamais o ecossistema primitivo poderá ser inteiramente reconstruído, mesmo que para



isso sejam gastas as verbas mais vultosas. No entanto, se agirmos agora, poderemos, ainda a um preço razoável, preservar da destruição áreas de imenso potencial científico.”

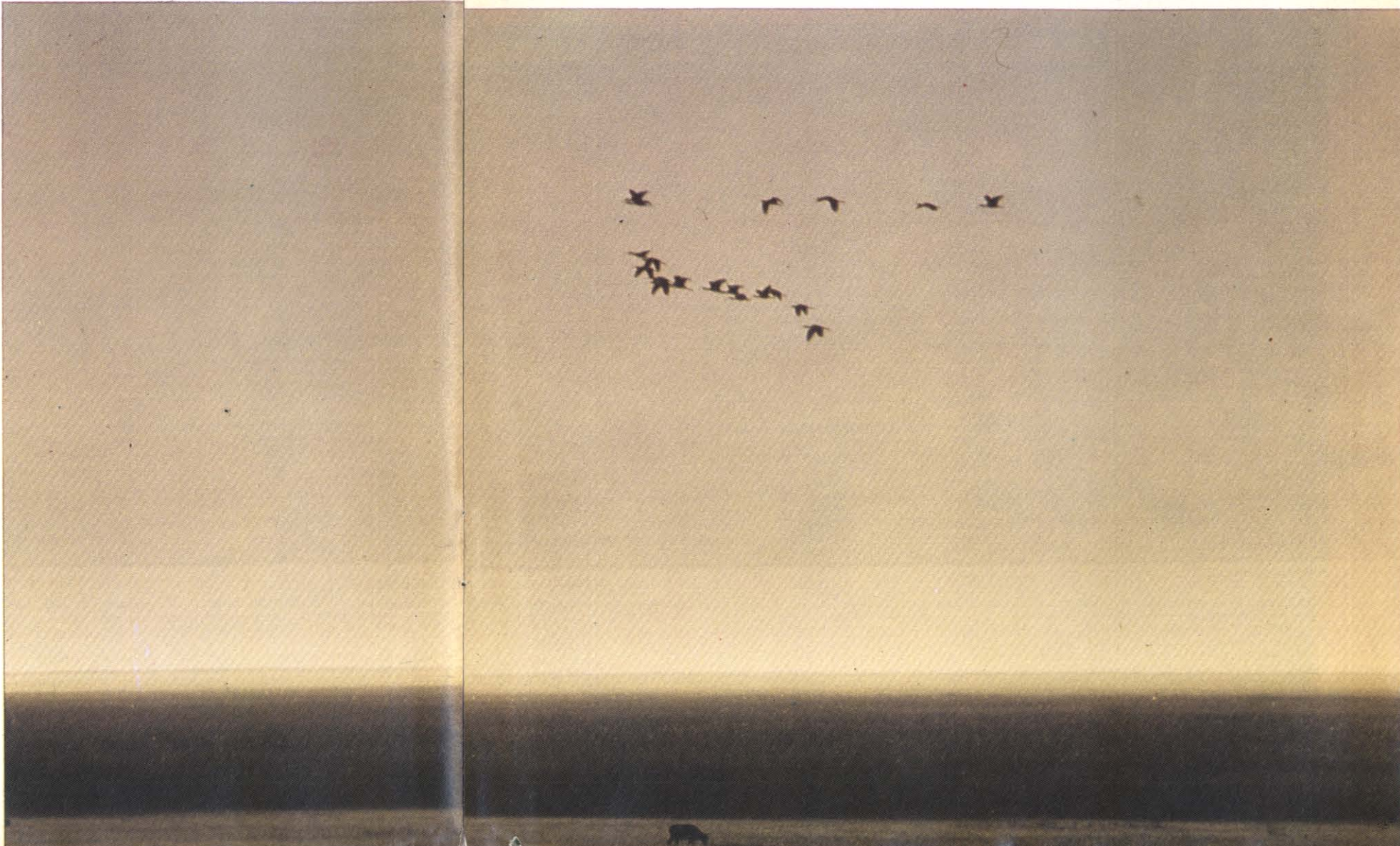
Situado numa restinga entre a lagoa Mirim e o oceano Atlântico e ocupando a parte norte da lagoa Mangueira, o Banhado do Taim possui um ecossistema de características lacunares, com fauna e flora típicas. A profundidade do banhado varia de um a três metros de água e mais um ou dois de lodo e algas. Em alguns lugares, aparecem os embolsados, pequenas ilhas com uma vegetação que pode atingir até dois metros de altura e é conhecida como espadana (*Sagittaria acutifolia*). As terras alagadas têm baixo valor e só podem ser utilizadas, durante as épocas de seca, como pastagens; os solos, de uma maneira geral, revelam-se bastante ingratos para qualquer tipo de lavoura, o que fez com que essa extensa zona lacunar fosse pouco afetada pela exploração econômica.

Uma vegetação aquática muito rica cobre as áreas alagadas. Prevaecem o junco (*Scirpus cornus*), o aguapé (*Eichornia crassipes*) e o aguapé-de-flor-azul (*Eichornia azurea*). Sobre as águas, como tapetes verdes, os aguapés misturam-se com outras espécies minúsculas e com o repolho-d'água (*Pistia stratiotes*). E, logicamente, onde existe uma grande variedade de flora, onde são oferecidas diferentes condições de sobrevivência, a fauna é abundante.

As margens do banhado, próximo ao limite com as fazendas de arroz que margeiam a estrada BR-471 (que liga Porto Alegre ao Xuí), erguem-se as construções feitas pela Secretaria Especial do Meio Ambiente para funcionar como sede da estação ecológica. Daí, partimos eu e o administrador da estação, o engenheiro agrônomo Alcídio Viteck, para tentarmos fotografar algumas espécies de animais que habitam o banhado. Enquanto nosso barco deslizava pelos estreitos corredores formados pela espadana e pelo junco, diversas espécies de aves assustavam-se e alçavam vôo. Aqui as garças buscavam alimento nas águas mais rasas e até um colhereiro (*Ajaia ajaia*), não muito comum no Taim, esquentava-se ao sol da manhã. Grupos de tachã (*Chauna torquata*) voavam com uma leveza surpreendente para o seu aspecto pesado, emitindo um grito estridente que repete as duas sílabas de seu nome. Às vezes, para nossa surpresa, surgia uma tartaruga (*Platemys sp.*) que vinha à superfície respirar, formando um círculo que se alastrava pela água. Confundia-se bastante com as algas que em alguns pontos estavam aparentes e de onde brotavam bolhas de gás



O junco — vegetação típica do banhado — cresce tão unido que isola os sons produzidos em seu interior. Ele marca todo o limite do banhado com a lagoa Mangueira e estende-se até encontrar as dunas de areia que avançam do litoral para o interior. Os jacarés e os maçaricos são alguns dos habitantes dessa região.



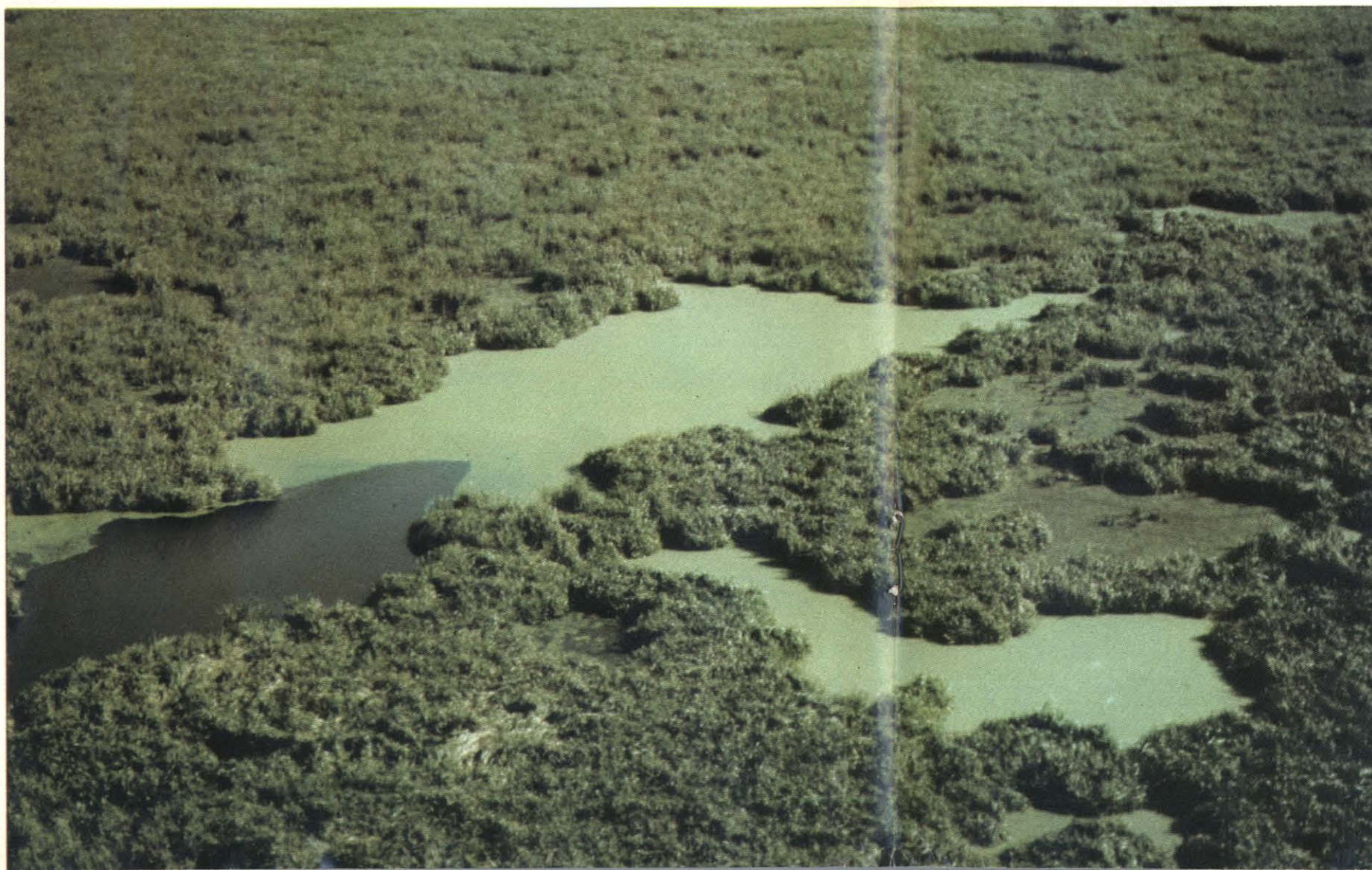
do material orgânico em decomposição. Durante o tempo que passei no Taim, só consegui ver um jacaré, surpreendido à margem do banhado num lugar aonde as dunas já chegaram; esse réptil está com uma população muito reduzida, exterminada por caçadores profissionais que atuavam anteriormente na área para fornecer sua pele a comerciantes ilegais.

No extremo norte da lagoa Mangueira, entre os juncos do banhado, num refúgio naturalmente protegido do homem, diversas aves migratórias que fogem das geadas do sul estabeleceram seus ninhais e começaram a reproduzir-se na região. O cisne-de-pescoço-preto — ou pato-arminho, como também é chamado — é o único cisne verdadeiro nativo no continente sul-americano, e deve encontrar agora na reserva do Taim a garantia para sua sobrevivência. Durante o outono, no período de muda das penas, sofre violenta perseguição

para ser aprisionado e vendido como ave ornamental ou para o consumo de sua carne. Por ignorância ou desamor, deixam-no às vezes em lugar seco, onde seus pés, habituados à água, criam calos que depois sangram, matando-o de hemorragia.

A capororoca (*Coscoroba coscoroba*) é outra espécie da família dos anatídeos que habita os banhados. Sua plumagem é totalmente branca, com exceção das pontas das asas, manchadas de negro. Seu ninho, de meio metro de altura, é feito de junco e folhas e forrado com uma espessa camada de plumas brancas, com as quais a capororoca cobre os seis ou oito ovos quando se afasta temporariamente.

Bandos de marrecos (*Dendrocygna viduata*, *D. antunalis*, *D. bicolor*) voam sobre os alagados, e o maçariquinho-da-praia (*Himantopus himantopus*) repousa sobre as plantas aquáticas. Sobre estas formações vegetais também se movimentam os frangos-d'água e outras espécies de



Uma vista aérea do banhado mostra os verdadeiros tapetes verdes que se formam sobre as águas, com as alfaces-d'água e os aguapés. O cisne-de-pescoço-preto (ao alto) sofre violenta perseguição durante a época da muda das penas, quando não consegue voar e tem que fugir por sobre as águas. Em cima, a flor do aguapé.

aves menores (famílias *Rallidae* e *Jacaniidae*), assim como os socós (*Tigrisoma fasciatum*, *Tigrisoma lineatum*, *Florida caurelae*), o bellissimo maguari (*Ardea cocoi*) e diversas íbis (família *Threskiornithidae*).

Nos canais construídos outrora na tentativa sem sucesso de drenar a região para aproveitá-la com culturas de arroz, grandes grupos de biguás (*Phalacrocorax olivaceus*) buscam seu alimento mergulhando profundamente e até mesmo perseguindo os peixes menores debaixo da água. Nestes canais, nas lagoas e no banhado existe uma grande variedade de peixes, sendo os maiores o peixe-rei (*Odonthestes bonariensis*), o jundiá (*Rhamdia sp.*) e a traíra (*Hoplias malabaricus*).

O caramujo-do-banhado, ou aruá (*Pomacea paludosa*), alimenta-se das plantas aquáticas e flutua na superfície, subindo nos talos do jun-

co e dos aguapés para colocar seus ovos em aglomerados de cor rosada ou alaranjada. O aruá é o alimento específico do gavião-caramujeiro (*Rostramus sociabilis*), que o captura dentro da água em vôo rasante. O caramujeiro pega a concha do aruá com suas garras especialmente adaptadas para isto e vai comê-lo em seu lugar habitual de pouso. Lá ele segura a concha com uma das garras e espera que o molusco apareça. Nesse instante, seu bico prende o animal e espera que seus músculos relaxem. Então, com uma sacudidela, separa-o da casca.

As dunas, que se estendem por vários quilômetros ao longo do litoral, são entremeadas de campos de gramíneas que tendem a desaparecer com o avanço da areia. Essas esplanadas, normalmente secas, são freqüentadas pela maior ave da região — o João-Grande (*Euxenu-*

ra maguari) —, que não depende exclusivamente da água para viver. Confundido muitas vezes com a cegonha, o João-Grande é uma ave de 1,20m de altura que faz do seu ritual de acasalamento uma verdadeira cerimônia, com o macho realizando harmoniosos movimentos de dança diante da fêmea. Nas esplanadas vivem também as lebres e o quero-quero (*Beltonopterus cayenensis*).

Nos bosques de figueiras (*Ficus enormis*) e corticeiras (*Erythrina crista-galli*), existe uma grande variedade de passarinhos que aí encontram excelentes condições para nidificar. A presença de pequenos frutos proporciona a esses pássaros um regime alimentar muito rico em proteínas e carboidratos. O João-de-Barro (*Furnarius rufus*) é aí bastante comum, assim como o canarinho-da-terra (*Sicalis flaveola*), que costuma vir habitar os ninhos abandonados

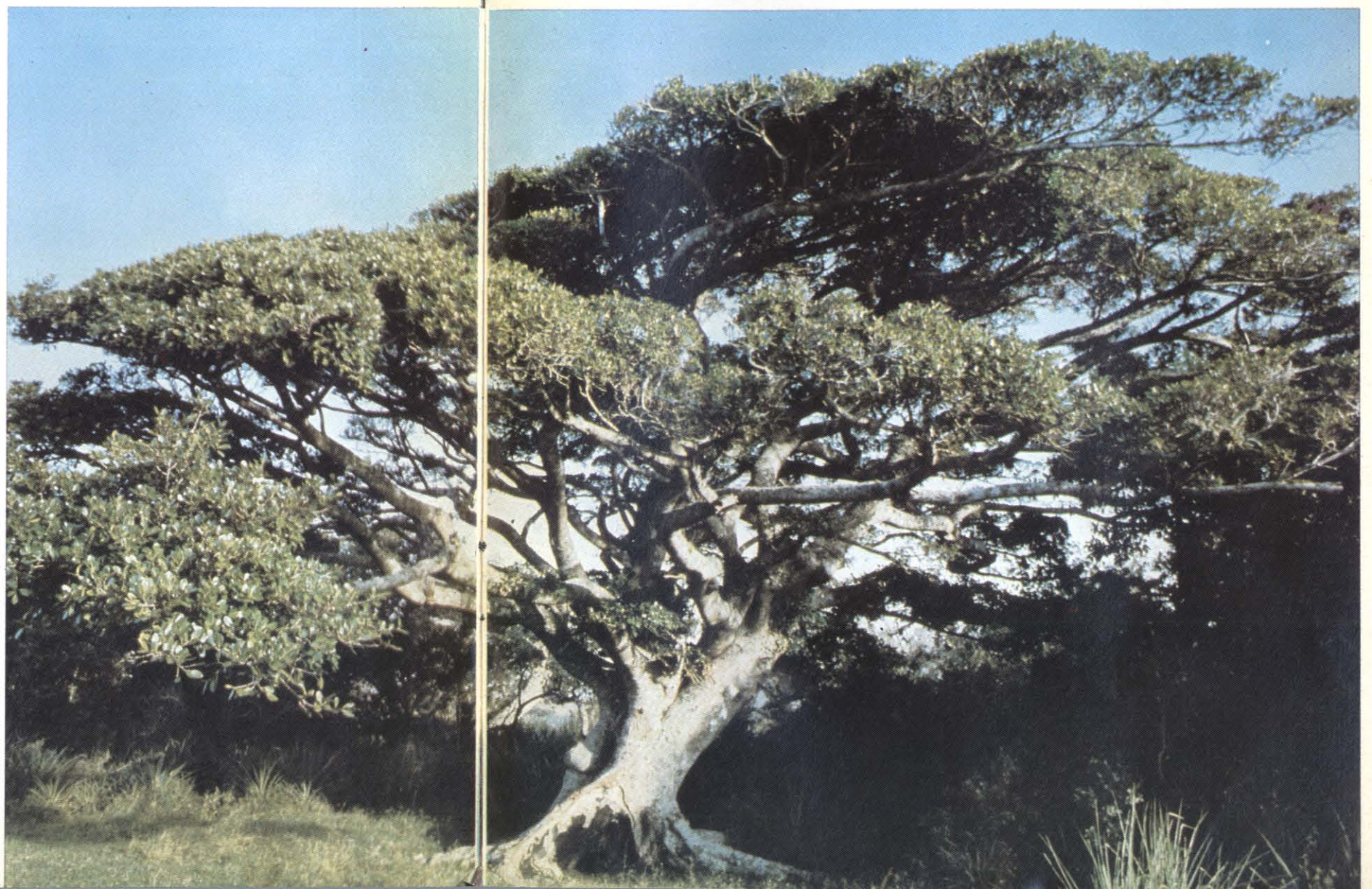
pelo primeiro, e o miguim (*Pyrocephalus rubinus*), que no período de frio emigra do sul para a região tropical em busca de calor. Por isso o reaparecimento dos primeiros miguins significa o final da estação dos ventos minuanos e das geadas.

Mas a feição característica da estação ecológica é dada pelo juncal. Aparentemente monótono e despovoado, no seu interior esconde-se toda a vida do banhado. É onde vivem as capivaras (*Hydrochoerus hydrochoeris*), que dele se alimentam e nele fazem seus ninhos. Esses roedores — os maiores existentes na Terra, podendo atingir um metro de comprimento — eram vistos há alguns anos em numerosos grupos.

Hoje tornaram-se bastante raros e ariscos pela intensidade com que os homens os vinham perseguindo para obter sua carne, ven-



A riqueza da flora do Banhado do Taim está concentrada no interior dos bosques, onde o grau de umidade é bastante elevado. As bromélias e barbas-de-pau recobrem os galhos de quase todas as árvores. As figueiras (ao lado) são uma característica da região, que é habitada por uma infinidade de pássaros.





O avanço das dunas sobre o banhado parece constituir uma ameaça ao futuro do Taim. Os habitantes do lugar chegam mesmo a afirmar que dentro de dez anos a restinga já será um deserto. Para as capivaras — página seguinte — há, porém, um problema mais imediato: fugir à perseguição do homem, que procura viver do comércio de sua carne.

dida nos açougues da região ou transformada em charque e contrabandeada para os países vizinhos. O rato-do-banhado (*Myocastor coypus*) também foi seriamente atingido pela caça. Milhares de peles — antes de ser anunciada a criação da reserva — eram contrabandeadas para a Argentina e o Uruguai, onde alcançam bom preço e são utilizadas para a confecção de caríssimos casacos. A nútria, como também é chamado o rato, reproduz duas vezes por ano e em três anos pode ter mais de trinta filhotes. Passa quase todo o dia dentro da água, onde inclusive alimenta os filhotes, que mamam enquanto a mãe fica boiando. A noitinha volta a esconder-se dentro da vegetação, de onde só sairá ao amanhecer do outro dia.

Segundo o Professor Ludwig Buckup, zoólogo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, “a pressão da caça desportiva não fiscalizada, a depredação faunística causada pela exploração comercial de peles de animais silvestres e a invasão do banhado pela agricultura e pela pecuária resultaram na redução acentuada de várias populações de animais. É sabido que algumas espécies originalmente presentes no Banhado do Taim já se extinguíram na região. Tal é o caso do veado-do-banhado, da ema e provavelmente da lontra e da ariranha. As onças e outras espécies de felídeos menores também desapareceram da região. Cogita-se da possibilidade de reintroduzir algumas espécies.”



É no interior dos bosques, que constituem um cinturão ao redor dos banhados, na forma de um anel verde intenso, que a Estação Ecológica do Taim guarda a sua riqueza florística: nos ramos das corticeiras, revestidos por uma cortiça de extraordinário poder cumulativo de umidade, desenvolvem-se diversas plantas epífitas. Bromélias (*Aechnea recurvata* e *Vriesea gigantea*), orquídeas (*Catleya intermedia*) e barbas-de-pau (*Tillandsia usneoides*) recobrem os galhos das árvores. No chão, outras espécies vegetais, como o gravatá (*Eryngium sp.*), alguns arbustos menores e duas espécies de cactos (*Opuntia vulgaris* e *Cereus sp.*) dão aos bosques uma conformação mais densa.

Em todo o mundo os banhados tendem a desaparecer pela drenagem, apesar de serem essenciais para o equilíbrio ecológico. Até no

Banhado do Taim uma ampla área já foi aproveitada para lavouras de arroz, e o lugar destinado à reserva foi considerado irrecuperável pelo Departamento Nacional de Obras e Saneamento.

Mas a Estação Ecológica está definitivamente implantada e é a garantia da permanência deste ambiente natural lacustre e da sobrevivência de várias espécies animais ameaçadas de extinção. Além disso, grupos de estudo desenvolvem projetos de pesquisa coordenados pelo Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: um programa extenso de investigações e cursos já está estabelecido e um convênio de intercâmbio a longo prazo está prestes a ser firmado com cientistas alemães que já conhecem o Taim e com pesquisadores franceses. □



Diversas aves encontram no Banhado do Taim as condições ideais para nidificação e alimentação. Na foto maior, um bando de marrequinhas e, na menor, o socó-boi, que tem esse nome pela semelhança de sua voz com o mugido do boi. Nas outras fotos, de cima para baixo, a capororoca, o taquiri e o colhereiro.



ESTAÇÃO ECOLÓGICA DO TAIM

ÁREA:
32.000 hectares

LOCALIZAÇÃO:
Estado do Rio Grande do Sul, compreendendo parte dos municípios de Santa Vitória do Palmar e Rio Grande, entre a lagoa Mirim e o oceano Atlântico, próximo ao arroio Xuí, na fronteira do Uruguai.

Latitude:
32°32' a 32°50'S.
Longitude:
52°23' a 52°32'W.

ASPECTOS GERAIS:
A área destinada à Estação Ecológica caracteriza-se pela existência de banhados, lagos, lagoas (l. Nicola, l. Jacaré e a parte norte da lagoa Mangueira), campos e dunas de interessante aspecto paisagístico, que se localizam próximo à mata existente na área que é considerada uma das mais meridionais do Brasil. Nessa mata há um bosque de corticeiras (*Erithryna* spp) e figueiras (*Ficus* spp) com árvores de grande porte e curioso aspecto sobretudo devido à presença de orquídeas, bromélias e barba-de-velho. Com relação à fauna, observa-se nos banhados grande variedade

de aves aquáticas, principalmente gansos e marrecos, estes provenientes da Patagônia, que emigram para a área em seu vôo sazonal. Na região norte da lagoa Mangueira encontram-se os únicos representantes de cisnes-de-pescoço-negro (*Cygnus melanocoryphus*) existentes no Brasil, que em épocas anteriores podiam ser encontrados em outras lagoas ao longo da nossa costa meridional.

Mamíferos e répteis também são encontrados na área, que pode abrigar população de capivaras (*Hidrochoerus hidrochoeris*), jacarés (*Caiman* spp) e ratão-do-banhado (*Myocastor coypus*).

Tendo em vista tratar-se de uma área predominantemente pantanosa, essa Estação assume especial importância para estudos ecológicos, principalmente por ser o banhado um dos últimos remanescentes desse tipo de ecossistema.

OUTRAS INFORMAÇÕES:
O apoio logístico é fornecido pela cidade de Pelotas, que conta com campo de pouso e é servida por boas rodovias. A estrada internacional Uruguai—Brasil, via Xuí, corta parte da Estação.

REVISTA GEOGRÁFICA UNIVERSAL
BLOCH EDITORES S.A.

Planejamento Editorial: ZEVI GHIVELDER
Diretor-Responsável: MURILO MELO FILHO
ADMINISTRAÇÃO E REDAÇÃO
Rua do Russell, 804
Tel.: 265-2012
Telex: (021) 21525. Rio de Janeiro

